

OS CONCEITOS EM HISTÓRIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

O presente trabalho pretende abordar de forma não tradicional a aplicação prática dos conceitos nos estudos de história e demais ciências sociais, sobretudo no que se refere ao processo de ensino e aprendizagem.

REFLEXÕES SOBRE AS SEMELHANÇAS ENTRE O TRABALHO FÍSICO E O TRABALHO INTELECTUAL

O TRABALHO FÍSICO

“A utilização da força de trabalho é o próprio trabalho”.

“Antes de tudo, o trabalho é um processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza”.

“Os elementos componentes do processo de trabalho são:

- 1 – a atividade adequada a um fim, isto é o próprio trabalho;
- 2 – a matéria a que se aplica o trabalho, o objeto de trabalho;
- 3 – os meios de trabalho, o instrumental de trabalho”.¹

O conjunto formado pelo objeto de trabalho, pelos meios de trabalho e pelo próprio trabalho pode ser chamado de “forças produtivas”.

Um marceneiro pretende unir dois pedaços de madeira. Usará um prego e um martelo.² Os dois pedaços de madeira e o prego são *objetos de trabalho*. O martelo é o *meio de trabalho*.³ O trabalho do marceneiro consistirá em juntar, em encostar um pedaço de madeira ao outro, colocar o prego apontado para o ponto adequado e, com o uso do martelo, golpear a cabeça do prego para que ele penetre nas duas madeiras, juntando-as.

Ocorre que o nosso marceneiro, embora tenha tomado conhecimento teórico de como se bater num prego (o seu diploma é muito conceituado), é principiante na arte de golpear pregos. Sabe como fazê-lo teoricamente, mas não tem prática. Ao invés de acertar a cabeça do prego, acertou a cabeça do seu dedo. Foi horrível!!!

A questão é a seguinte: como fazer com que este nosso desajeitado marceneiro adquira experiência e acerte, sem medo de errar, a cabeça do prego com relativa precisão?

Ora, vai ter que tentar de novo, com mais calma, com mais cuidado... Não tem outro jeito! E assim, aos poucos, vai adquirir prática, vai descobrir alguns macetes, enfim, vai ganhar experiência e se tornar um excelente marceneiro.

¹ Para uma discussão mais precisa, ver: Marx, Karl; *O CAPITAL*; Livro 1, Volume 1, Bertrand Brasil; Rio de Janeiro; 1988; pp. 201-205.

² Marx vai chamar os objetos de trabalho que foram produtos de trabalhos anteriores de matéria-prima. “O objeto de trabalho só é matéria-prima depois de ter experimentado modificação efetuada pelo trabalho”. Idem; p. 203. Mas isto não muda em nada o objetivo desta análise, por isso limito-me a usar o termo “objeto de trabalho” para simplificar a exposição.

³ “O meio de trabalho é uma coisa ou um complexo de coisas que o trabalhador insere entre si mesmo e o objeto de trabalho e lhe serve para dirigir sua atividade sobre esse objeto”. Ibidem; p. 203.

Com o tempo será capaz de propor modificações no desenho dos martelos. Será capaz de demonstrar certas imperfeições e os melhoramentos necessários.

O TRABALHO INTELECTUAL

“Antes de tudo, o trabalho [intelectual] é um processo de que participam o homem e a natureza [incluindo a sociedade], processo em que o ser humano com sua própria ação [incluindo o pensamento], impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material [e “espiritual”] com a natureza”.

Acho que deu certo a referida adaptação no texto acima. É uma questão posta, só isso...

Acredito ser possível fazer um paralelo entre o trabalho físico e o trabalho intelectual. Senão vejamos.

Os *objetos de trabalho* usados pelo marceneiro foram o prego e os dois pedaços de madeira. São objetos que já existiam independentemente de o marceneiro achar que existiam ou não. Estavam lá. Continuariam lá se o marceneiro fosse embora. O *objeto de trabalho* do trabalhador intelectual é a realidade objetiva, aquela que existe independentemente e fora da sua consciência. Continuará existindo mesmo que o nosso intelectual se recuse a aceitar isto. Um exemplo: a sociedade para o sociólogo. A história das sociedades, para o historiador.

O *meio de trabalho* usado pelo marceneiro foi o martelo. Poderia usar outras ferramentas, tudo bem. Seriam *meios de trabalho*. Os *meios de trabalho* do intelectual são, como qualquer outra ferramenta, os conceitos.⁴ Ora, o martelo foi criado pelo homem para lhe servir de ferramenta para assentar pregos. Os conceitos são criados pelo homem para lhe servir de ferramenta para compreender a realidade objetiva. Os martelos que são criados sem se levar em conta o tamanho dos pregos, suas características e etc. podem ser – e em geral são – inadequados para determinado tipo de prego. Os conceitos inventados pelo homem para explicar determinada realidade podem ser inadequados para a explicação de determinada realidade, se esta realidade (o prego, no exemplo do marceneiro) não for levada em conta.

O marceneiro teve acesso, no seu curso de marcenaria, às teorias sobre como assentar bem variados tipos de pregos sobre variadas madeiras. Mas só adquiriu mestria, só passou a **agir como marceneiro** depois que utilizou praticamente o seu martelo, o seu *meio de trabalho*. O intelectual teve acesso no seu curso, por exemplo, de historiador, às diversas teorias explicativas, metodológicas e etc. de como se compreender historicamente determinado processo. Mas só adquiriu mestria, só passou a **pensar como historiador** depois que utilizou praticamente o seu martelo, digo, os seus conceitos, os seus *meios de trabalho*.

Como se usa praticamente um martelo? Inserindo sobre ele a força física de nosso corpo, de nossas mãos. A nossa atividade física nos permite usar praticamente o martelo. Como se utiliza praticamente um conceito? Inserindo sobre ele a força psicológica do nosso corpo, do nosso cérebro. A nossa atividade psicológica nos permite usar praticamente o conceito.

A atividade psicológica, ou subjetiva, ou “espiritual”, enfim, o nosso pensamento é, como tentei fazer claro, é uma atividade. **O PENSAMENTO É UMA ATIVIDADE** como qualquer outro exercício físico, grosso modo. Ao trabalharmos com o martelo, tornamo-nos bons marceneiros. Ao trabalharmos com os conceitos,

⁴ Conceito: “(...) *uma palavra ou expressão possuidora do sentido, a que corresponderiam significações precisas*”. Beauclair, Geraldo; *RAÍZES DA INDÚSTRIA NO BRASIL*; Studio F&S Editora; Rio de Janeiro; 1992; p. 13.

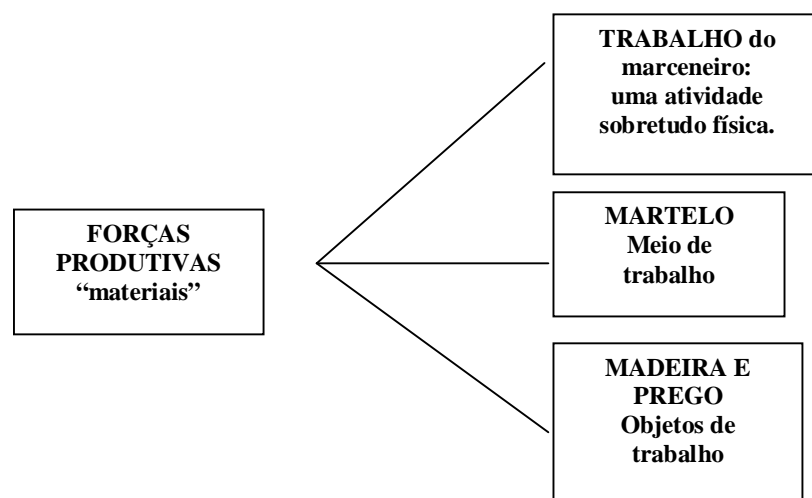
tornamo-nos bons pensadores. Só não podemos nos esquecer de uma coisa: do prego e da madeira, quer dizer, da realidade objetiva, senão poderemos cair no idealismo filosófico. O pensamento deve estar atento à realidade objetiva e aos conceitos. Um olho no padre e o outro na missa, como dizem. Ver se os conceitos expressam adequadamente a realidade objetiva, e a partir daí, sim, operá-los no exame, no estudo desta realidade objetiva.

A única maneira de se operar com conceitos é utilizando-os como instrumentos explicativos. Os conceitos são instrumentos de trabalho (meios de trabalho). Mas explicativos para quem? Para nós mesmos e para os outros, é claro. É da necessidade de se comunicar com os outros que precisamos de conceitos. Da necessidade de comunicação entre os homens nasceram os conceitos. Os conceitos são, portanto, produtos sociais, e só usados em sociedade, ou seja, na troca com outros, na comunicação com outros é que adquirem valor de uso.

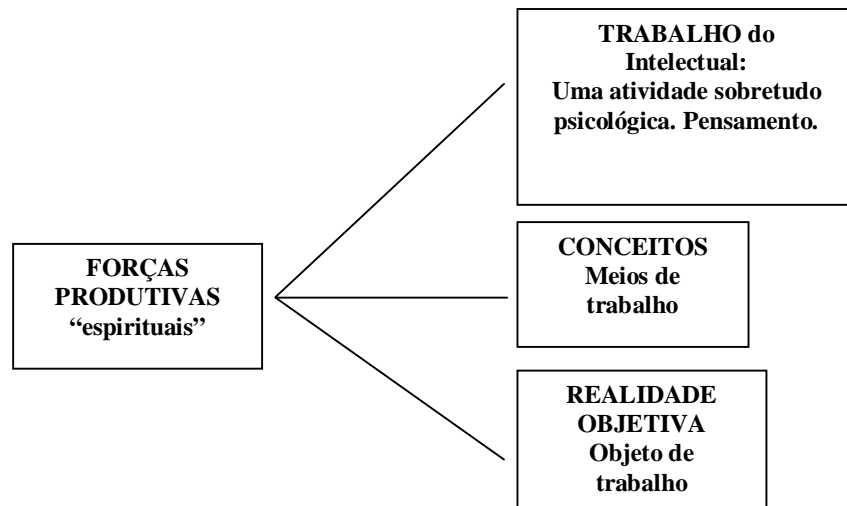
Portanto, só existe uma maneira de se ficar experiente no manuseio de conceitos: usando-os na discussão com outras pessoas, por carta, telefone, em sala de aula, etc. etc. Como ferramentas de trabalho, somente a sua utilização prática, dialogando, debatendo, pondo questões, usando-os na construção das frases, falando-os em voz alta ou escrevendo-os em trabalhos polêmicos, etc., só assim ficamos experientes. Só poderemos saber se ficamos realmente safos se conseguirmos assentar bem o prego, quer dizer, compreender a realidade objetiva de tal maneira que nossas intervenções nesta realidade produzam os efeitos previamente desejados, ou seja, assentar o prego. A prática é o critério mais adequado da verdade, ou seja, se o nosso pensamento está de acordo com o que existe de verdade no mundo real.

Como o pensamento é uma atividade, a questão central para nós, possíveis professores de história, é proporcionar atividades aos alunos para que estes, além do contato com as teorias, ganhem experiência prática. Como? Provocando o debate, a discussão, a troca de impressões entre alunos e alunos, alunos e professores, tentando fazer com que se utilizem dos conceitos nos debates, nas polêmicas com seus colegas, etc. Ao atingirem experiência – observando a realidade histórica (nunca esqueçamos disto) serão capazes de propor alterações, modificações nestes conceitos, ou de até mesmo criarem novos conceitos, como o marceneiro que propõe alterações nos desenhos dos martelos ou até mesmo um martelo diferente.

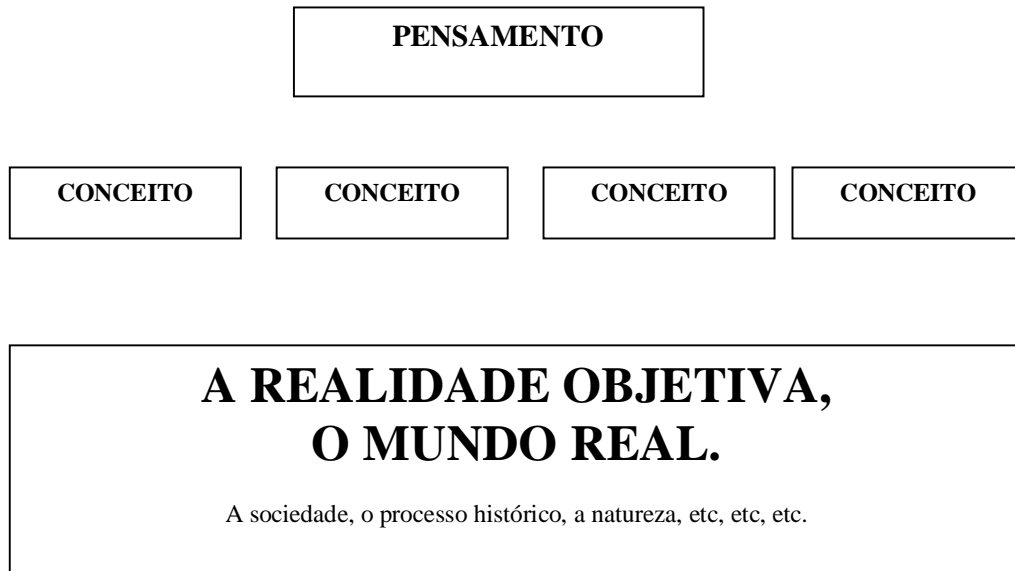
O pensamento é uma atividade que ninguém pode fazer por nós, assim como qualquer outro exercício físico, por exemplo. Ainda que muitos queiram, ninguém pode pensar por nós.



Comparar com:



Temos, pois, no trabalho intelectual: a realidade objetiva, os conceitos que emergem da realidade objetiva (a não ser que a filosofia do indivíduo seja idealista, e não realista) e o pensamento, a atividade que manipula os conceitos, ou cria novos conceitos, para compreender a realidade e – o mais importante – transformá-la para melhor. Dito de outra forma, o pensamento opera com os conceitos já existentes – ou cria outros conceitos – para compreender e, se for do seu interesse, transformar – com intervenções práticas - a realidade.



O pensamento pode não questionar os conceitos que lhe são oferecidos (dogmatismo). Muitas vezes isto impede a compreensão adequada do mundo, ou obriga o mundo a se adequar aos nossos conceitos. Por isso é importante ficar com um olho no padre e o outro na missa, quer dizer, comparar os conceitos com a realidade sobre a qual serão utilizados tais conceitos. Comparar o martelo com o prego. O pensamento mais experiente, porque antes de olhar para os conceitos observa atentamente a realidade objetiva, vai verificar se os conceitos que lhe foram oferecidos são válidos para explicar a realidade ao seu redor. Se não forem, vai criar novos conceitos, novas ferramentas de

trabalho.⁵ No primeiro caso, o caminho é PENSAMENTO – CONCEITOS – REALIDADE OBJETIVA. No segundo, o mais experiente, o caminho seguido é: PENSAMENTO – REALIDADE OBJETIVA – CONCEITOS⁶.

O que diferencia o “professor” do “aluno” é a sua bagagem teórica maior sobre a matéria em questão e os seus conhecimentos sobre didática. A sua responsabilidade consiste, portanto, em conduzir, em dirigir o processo de aprendizagem dando-lhe uma orientação que permita que o grupo vá compreendendo criticamente os novos conteúdos que lhe são apresentados, seja através da sua discussão democrática, do questionamento sobre a sua validade teórica concreta, da sua comparação com a realidade circundante, seja através da sua verificação viabilizada por experiências práticas que permitam ao “aluno” ser o *sujeito* na ação de aprender.⁷

“Na escola tradicional, o conteúdo ocupava o papel principal e também o professor que detinha a informação, detinha o conhecimento, transmitia e enchia o vaso do saber do aluno.”

“Apareceu então Paulo Freire apresentando a questão da educação como uma relação entre professor e aluno mediada pelo conteúdo. Dessa forma, o conteúdo [aquilo que se deseja ensinar] não é absolutamente secundário, nem é o ponto central: é o elemento que permite a relação educativa entre educador e educando.

Por isso Paulo Freire (...) não centra a educação na figura do aluno como muita gente pensa, que basta reunir pessoas e que essas pessoas conversando descobrem a verdade. Isso é absolutamente falso; não basta que as pessoas conversem para que se dê a educação. Exige-se uma coisa nova.

*Então o sujeito da educação não é só o aluno, mas é o aluno e o professor em relação, através do ou mediados pelo conteúdo. **Isso que ocorre na escola ocorre também nos grupos** [grifo meu] (...), segundo nossa observação pessoal.”⁸*

⁵ “O desafio com que se defrontam as esquerdas latino-americanas – no plano teórico – reside na capacidade de mobilizar as energias criativas do livre pensamento, engessadas – desde sempre – num seguidismo a teorias revolucionárias alçadas de realidades estranhas à nossa. Culturalmente atrasados, porque constituídos apenas para o trabalho obediente, nunca fomos capazes de olhar para nossas sociedades tal como realmente eram, encaixando-a forçosamente num aparato conceitual que só em traços muito gerais guardavam alguma semelhança. Assim, encontramos “burguesia nacional” onde só havia empresários ansiosos por se associarem ao imperialismo; encontramos senhores feudais onde só havia empreendimentos nitidamente capitalistas. Transportamos mecanicamente para cá as teorias explicativas de outros espaços e de outros tempos”. Trecho retirado do meu trabalho de América III. Na verdade, há relações entre os conceitos, sistemas de relações entre conceitos, mas me perderia se tocasse nisso agora.

⁶ Só há uma maneira de se manipular alguém: impondo o dogmatismo, por diversos mecanismos que não serão discutidos aqui, ou manipulando a apresentação da realidade objetiva, os dados da realidade objetiva. Mentindo ou apresentando meio-verdades. Quem defende a verdade deve se preocupar apenas em apresentar a verdade tal como ela é. Quem, por diversos meios e interesses, procura esconder a verdade, deve ser combatido com a verdade, com a apresentação da verdade. A verdade é indestrutível.

⁷ “O fato de encontrar o fundamento de todo conhecimento na prática social, na atividade transformadora que os homens desenvolvem numa dupla relação – com a natureza e com os outros homens – leva-nos a propor que o sujeito do conhecimento não pode ser pensado como indivíduo, mas como sujeito social. O ato de produzir conhecimento não é obra de uma consciência singular, mas uma das formas da prática social, prática que tem como sujeito os homens articulados entre si por relações sociais. Esta concepção do conhecimento, como processo de produção social e de um sujeito coletivo, demarca e orienta nossa tarefa no campo da aprendizagem.” QUIROGA, Ana, *O processo educativo segundo Paulo Freire & Pichon-Rivière*, Vozes, 1987, p. 16.

⁸ Idem, José Carlos Barreto, pp. 58, 59.

“Num primeiro momento considerou-se que o grupo funciona através da liderança de um agente social⁹. Ele teria o conhecimento de como deveriam ser feitas as transformações sociais, sabia quais as transformações sociais e expunha esses conteúdos aos grupos populares, porque achava que, na medida em que os grupos fossem absorvendo esses conhecimentos iriam se modificando, e era possível fazer uma ação social de transformação.

Aos poucos comprovou-se que não era assim. Ouvir simplesmente um discurso transformador não significava conhecer a raiz da transformação, e muito menos comprometer-se com a transformação.

Fez-se então uma segunda tentativa, que era romper esse vínculo autoritário entre o agente social e a população ou os membros do grupo. A relação não podia ser autoritária. Teríamos que ouvir os grupos. Os grupos mandam. E, curiosamente, o agente passava a ser quase um intruso. Sua função era estimular os grupos a falar, discutir... Diziam coisas acertadas, falavam tolices como todo grupo, mas o agente estava proibido de dar sua opinião. Pouco importava o grupo estar equivocado. O importante era o grupo chegar a suas próprias conclusões. Em vez de romper o vínculo autoritário, invertia-se a situação: os antigos oprimidos passavam a ser opressores dos antigos opressores que, por sua vez, passavam a ser oprimidos. O educador não participava do grupo, simplesmente escutava e deixava o grupo prosseguir.”

“A terceira forma que começou a aparecer é uma forma em que os círculos de cultura, agentes e participantes partilham seus conhecimentos. Nenhum dos dois – educador e educando – sabem tudo e podem assim completar seu conhecimento através do diálogo. Esta é uma forma que exige equilíbrio, exige arte.

Em muitos grupos, o coordenador acha que deve falar o que é certo e fica hesitando: devo ou não devo falar? E quando abre a boca despeja a sabedoria. Isso é absolutamente falso. A sabedoria pode surgir a partir de suas palavras, mas nem por isso estimulou a reflexão [grifo meu].

Já pudemos observar uma preocupação do agente que quer efetivamente participar e contribuir no conhecimento do grupo em pé de igualdade. Mas, para participar igualmente, o primeiro passo é reconhecer que se é diferente num ponto importante do processo. Muitos grupos, muitos agentes tentam ser participantes através da igualdade com o educando, igualdade que é absolutamente falsa, porque o agente só tem valor quando, no trabalho, é diferente do grupo [grifo meu]. Se fosse igual, que contribuição poderia dar?”

“O melhor seria que sempre que as pessoas se encontrassem se produzisse o diálogo, mas continua faltando a figura do educador que é fundamental. **Um educador que não só estimule as pessoas a expor o que pensam, mas que também exponha o seu parecer.** O problema no círculo de cultura não é quem expõe, mas a relação entre educador e educando. Essa relação tem que ser mediada por um conteúdo, por isso o conteúdo é fundamental nos círculos [grifo meu].

Normalmente os conteúdos dos círculos que não têm êxito não são conteúdos mediadores, são conteúdos que só existem na cabeça do coordenador, não fazem parte

⁹ No texto, agente social refere-se aos coordenadores de círculos de cultura, grupos organizados desde 1960 por um movimento chamado Movimento de Cultura Popular do Recife, que tinha Paulo Freire como um dos seus idealizadores. “De acordo com as teses centrais que vimos desenvolvendo, pareceu-nos fundamental fazermos algumas superações, na experiência que iniciávamos. Assim, em lugar de escola, que nos parece um conceito, entre nós, demasiado carregado de passividade, (...) lançamos o Círculo de Cultura. Em lugar de professor, com tradições fortemente “doadoras”, o Coordenador de Debates. Em lugar de aula discursiva, o diálogo. Em lugar de aluno, com tradições passivas, o participante do grupo.”. FREIRE, Paulo, *Educação Como Prática da Liberdade*, Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1987, p. 103).

do universo do grupo [ou da categoria...] por isso não servem para a relação educando-educador. A relação entre o círculo de cultura, seus participantes e o coordenador fica totalmente prejudicada.”¹⁰

Podemos concluir afirmando que qualquer processo de ensino e aprendizagem é um processo prático, ainda que os elementos operados sejam abstratos, sejam conceitos. Parece um jogo de palavras mas não é. Como já dito, o pensamento é uma atividade. Só se aprende a pensar pensando, e ninguém pode fazer isso por nós. Teoria e prática se alimentam uma da outra dialeticamente. A teoria aqui se refere ao contato inicial com os conceitos. A prática aqui se refere à utilização prática destes conceitos, que só é possível em interação sobretudo com outros. A atividade prática com conceitos é, portanto, uma atividade social, daí a importância do diálogo, do debate, das discussões em sala de aula e etc.

Como a aprendizagem só se realiza socialmente, quer dizer, é um produto das relações sociais entre os homens, o desenvolvimento do processo educativo nas áreas de história e demais ciências sociais só se torna viável em grupo. Neste sentido, as aulas presenciais são fundamentais, e fadados ao fracasso os processos de ensino à distância ou por correspondência.

Na presente comparação entre o trabalho “físico” e o trabalho “intelectual”, podemos nos dar ao direito de perceber uma aula de história como uma oficina de marcenaria onde as madeiras são os processos históricos registrados, e as ferramentas são os conceitos. O professor é o marceneiro profissional que orienta a atividade (debates) dos seus alunos, fazendo intervenções oportunas sempre que necessário para que acidentes não ocorram. A diferença deste processo de ensino e aprendizagem para o modelo tradicional é que o professor-marceneiro não constrói os móveis enquanto os seus alunos o assistem passivamente. Pelo contrário, são os alunos que constroem eles mesmos os seus móveis. O professor orienta o processo. Ao construírem seus móveis, os alunos ganham mestria no manuseio de suas ferramentas, ganham experiência prática que lhes permitem usar suas ferramentas na construção de outros variados tipos de móveis, mas também ganham experiência para se capacitarem a produzir novas ferramentas, mais adequadas para outras realidades (outros móveis).

E assim, todos vão *aprendendo e ensinando uma nova lição*.

Evandro de Oliveira Machado
Em 25.01.2006

¹⁰ José Carlos Barreto, op. cit., pp. 59, 60 e 61.